

Pesquisa em futuros sociodigitais: reivindicações e *affordances* em evidência

Research on sociodigital futures: claims and affordances in evidence

Investigación en futuros sociodigitales: demandas y *affordances* en evidência

[Priscila Gonsales](#)^{id} [Susan Halford](#)^{id} [Dale Southerton](#)^{id}

Susan Halford¹ e Dale Southerton², pesquisadores e professores titulares da Universidade de Bristol, dividem a coordenação do Centro de Pesquisa em Futuros Sociodigitais (CenSoF), criado em 2022, com financiamento de 10 milhões de libras do *Economic and Social Research Council* (ESRC)³. Trata-se de uma iniciativa que reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento de doze universidades do Reino Unido, de outras cinco universidades internacionais (da Itália, Noruega, Austrália, Estados Unidos e África do Sul), além de parceiros organizacionais não acadêmicos como o *UK Department for Food and Rural Affairs* (Defra), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), *British Telecom Group*, *The National Cyber Security Center* (NCSC), dentre outros.

Nesta entrevista realizada em inglês durante o período como visitante internacional de pesquisa em 2023-2024 (com bolsa CAPES-PRINT), e traduzida para o português⁴, Halford, que é da área da Sociologia, e Southerton, da área de Negócios, abordam o desafio de coliderar um centro de pesquisa interdisciplinar recém-criado e focado em investigar como (e por quem) os futuros sociodigitais são reivindicados e conduzidos no presente e quais capacidades (*capabilities*) e aptidões (*capabilities*) são necessárias para abordar os futuros sociodigitais em formação.

1 Professora doutora em Sociologia da Universidade de Bristol (UoB) desde 2019. Foi diretora do Web Science Institute na Universidade de Southampton. Em 2019, co-fundou e co-dirigiu o Bristol Digital Futures Institute, da UoB. Desde 2022 é co-diretora do Centro ESRC de Pesquisa em Sociodigital Futures na UoB.

2 Professor doutor em Sociologia do Consumo na Escola de Negócios da Universidade de Bristol (UoB), foi diretor do Sustainable Consumption Institute e do ESRC Sustainable Practices Research Group na Universidade de Manchester. Desde 2022 é co-diretor do Centro ESRC de Pesquisa em Sociodigital Futures na UoB.

3 O apoio do Economic and Social Research Council (ESRC) merece um grato reconhecimento. Financiamento Ref ES/W002639/1.

4 Tradução feita pela autora Priscila Gonsales, doutoranda da Universidade de Campinas (UNICAMP), bolsista do CNPq.

Priscila Gonsales (PG): É possível dizer que os “futuros sociodigitais” representam uma nova área do conhecimento na contemporaneidade ou estariam mais relacionados a um enfoque específico nas pesquisas em ciências humanas e sociais?

Susan Halford e Dale Southerton (S.H. & D.S.): A pesquisa sobre futuros sociodigitais está relacionada com o mundo em que vivemos e se diferencia completamente da ideia de previsão de futuros ou de visões deterministas sobre como será o futuro. Vale lembrar que estudos que trazem questionamentos sobre o futuro não são inéditos⁵, mas o contexto contemporâneo pede que consideremos como os futuros estão agindo no presente e quais futuros possíveis estão em formação. Nesse sentido, nossas investigações sobre futuros sociodigitais buscam examinar as materialidades e as oportunidades de percepção de possibilidades de utilização (*affordances*)⁶, tanto do mundo digital como do social, e as intra-ações (Barad, 2007) entre os dois⁷. O termo “sociodigital” é um termo relativamente novo, mas que, claro, é uma derivação de sociotécnico, que já existe há muito tempo. Queremos destacar que o social e o digital estão inextricavelmente ligados, não se pode separá-los, pois eles moldam um ao outro. Assim, as tecnologias são moldadas pelas relações de poder no mundo social, e o mundo social é moldado pelas tecnologias. É uma relação fundamentalmente iterativa.

Como argumentamos em recente artigo (Halford & Southerton, 2023) em uma edição especial da revista *Sociology*, acreditamos que a Sociologia pode e deve envolver-se mais diretamente com diversas afirmações sobre o futuro e a materialização dessas afirmações. Isso significa ir além da Sociologia – como um conjunto distinto de recursos – e almejar o engajamento expansivo com outros atores que pensam sobre o futuro. Buscamos evidenciar como o avanço constante das tecnologias digitais, em especial a inteligência artificial (IA), cria uma sensação de mudança acelerada, quase sempre alardeada por elites técnicas (Noble et al., 2019) que produzem tais tecnologias. No entanto, quando analisamos com profundidade, notamos que essas perspectivas estão desconectadas da vida cotidiana de pessoas, comunidades, governos e organizações que têm suas próprias reivindicações, ideias e demandas (*claims*)⁸, e é isso que queremos investigar.

PG.: De que forma o CenSoF se organiza em torno da pesquisa em futuros sociodigitais? Quais são as perguntas norteadoras que embasam as investigações?

5 O primeiro volume da revista científica *Journal of Futures Studies* data de 1996: <https://jfsdigital.org/articles-and-essays/1996-2/vol-1-no-1-november-1996/>

6 De acordo com a Teoria dos Affordances (Gibson, 1977), o substantivo “*affordance*” refere-se às possibilidades que um ambiente ou objeto oferecem a um agente específico; o agente percebe valor nessas possibilidades.

7 Barad (2007) formulou a proposta de intra-ações em contraponto à “inter-ação”; a ideia central é indicar a inseparabilidade entre sujeito e objeto, ou entre observado e observador, ou seja, fenômenos que constituem o mundo precisam ser considerados em sua dinâmica relacional.

8 O verbo *to claim* não tem uma tradução literal para o Português, a interpretação vai depender do contexto. No contexto da pesquisa em futuros sociodigitais, o substantivo *claims* pode ser compreendido como ideias, alegações, demandas, no sentido de agente ativo em seu respectivo contexto.

S.H. & D.S.: Nossas análises visam compreender quem e o que impulsionam as reivindicações de futuro e o que isso significa para os principais desafios do nosso tempo, incluindo o aumento das desigualdades e a crise climática. Reunimos pesquisadores colaboradores e também instituições externas à Universidade como parceiros, para que possamos tornar a ideia de futuros sociodigitais mais disseminada e assim gerar impacto direto na elaboração de políticas, na prática organizacional, na participação da comunidade e na inovação tecnológica. Nossas três perguntas de investigação são as seguintes: a) Que tipos de futuros sociodigitais estão sendo reivindicados e construídos, e como, e por quais intervenientes, e por meio de quais domínios-chave da vida social? b) Como os futuros sociodigitais estão sendo representados no presente por meio das interações entre as tecnologias digitais e as práticas cotidianas? c) Quais aptidões e capacidades são necessárias para a investigação e intervenção sobre futuros sociodigitais?

As questões sociais fundamentais relativas à sustentabilidade ambiental, à desigualdade social e à justiça social devem ser integradas nas reivindicações sobre o futuro e nos tipos de reivindicações futuras que são criadas. Portanto, ter a habilidade de fazer reivindicações para o futuro e de fazer com que as pessoas ouçam isso e ajam de acordo com isso, de direcionar recursos, de controlar políticas, são atos de poder e não são atos que estão disponíveis para todos. Portanto, se pensarmos, por exemplo, em quem faz as maiores afirmações sobre o futuro sociodigital, veremos governos, organizações internacionais e, sobretudo, elites técnicas como por exemplo, Mark Zuckerberg ou Elon Musk. São ideias muito, muito particulares sobre o futuro e sobre para quem é o futuro. Isso cria um conjunto muito importante de desafios. Da mesma forma com a sustentabilidade. Quase todas as empresas e todos os governos farão referência à inclusão e ao ambiente nas suas reivindicações futuras, simplesmente porque são os dois maiores desafios do nosso tempo. Mas as formas como a desigualdade, a justiça social e a sustentabilidade são incorporadas nestas reivindicações são geralmente muito pobres, fragilmente definidas, e abordadas como subsidiárias das reivindicações principais, que tendem a concentrar-se principalmente em formas específicas de “progresso” econômico ou tecnológico.

PG.: O CenSoF se estrutura em cinco domínios integrados de prática sociodigital – aprender, cuidar, organizar, mover e consumir – que priorizam a ação envolvida em vez do respectivo setor, como é comumente esperado. Como essa opção foi delineada?

S.H. & D.S.: Os cinco domínios da prática sociodigital destacam fazeres e dizeres⁹ cotidianos no que diz respeito às práticas de: cuidar, consumir, movimentar-se, aprender e organizar-se. Peguemos como exemplo as práticas do cuidar, seja em hospitais, na área da saúde ou nas escolas e nas famílias, há muitos locais diferentes em que o cuidar é realizado, e as tecnologias digitais estão cada vez

⁹ Schatzki (1996, p. 89) define a prática social como um “nexo de fazeres e dizeres temporal e espacialmente dispersos”.

mais entrelaçadas nessas práticas cotidianas. Seja na forma como nos comunicamos com nossos filhos, por exemplo, ou como educamos ou como nós mesmos cuidamos da saúde. Quando falamos no domínio do mover (*moving*), enfatizamos como a mobilidade de pessoas e mercadorias está profundamente relacionada a questões de desigualdade e de sustentabilidade. É um campo em que a logística global encontra a justiça. Nossa pesquisa analisa como as tecnologias digitais moldam o movimento de pessoas e coisas, e considera os diferentes futuros que se tornam possíveis ou se fecham como resultado das mudanças sociodigitais. Quando falamos no domínio do cuidado (*caring*) exploramos se e como nossas experiências de cuidado em toda a sociedade são afetadas por arranjos sociodigitais e quais oportunidades isso pode criar para a forma como o cuidado (atendimento) é feito e pode ser reimaginado para múltiplos futuros.

Os debates sobre o lugar das tecnologias digitais no futuro do atendimento geralmente são caracterizados por visões contrastantes – promessas de formas mais baratas de oferecer um atendimento melhor são confrontadas com o medo distópico de ser monitorado, quantificado e individualizado. Essa abordagem é inútil e muitas vezes se concentra nos possíveis danos ou benefícios das tecnologias emergentes, sem dar atenção suficiente ao significado, à organização e às práticas de cuidados na vida cotidiana. Em contrapartida, queremos pensar em: quem/o que está cuidando, como, em que ambiente e usando quais tecnologias. Dessa forma, pretendemos entender os desafios e as oportunidades integrados do futuro sociodigital do cuidado, especialmente para crianças, jovens e suas famílias.

O domínio do consumir (*consuming*) enfatiza como as práticas sociodigitais de entretenimento e comunicação passaram por mudanças significativas nos últimos anos e têm sido tema de intensa especulação sobre como será seu futuro. Ao mesmo tempo, as relações entre a digitalização e a vida cotidiana estão profundamente implicadas em discussões mais amplas sobre sustentabilidade ambiental, bem como em processos fundamentais de mudança social e econômica. Tomando a casa como um importante local de consumo, estamos interessados em como as práticas cotidianas moldam e são moldadas por sistemas sociotécnicos, bem como os impactos ambientais desses sistemas.

Já no âmbito do domínio do aprender (*learning*), estamos vendo, em todo o mundo, tecnologias emergentes impulsionando investimentos especulativos em plataformas educacionais e abordagens de aprendizagem. A IA, a robótica e a realidade virtual, bem como as tecnologias imersivas e as redes sem fio de alta performance, estão mudando a maneira como aprendemos e criamos novos futuros sociodigitais possíveis. Desde ambientes imersivos em museus e ambientes de artes públicas até a análise do uso de IA e *big data*, estamos explorando os futuros sociodigitais do aprendizado e da educação. Por meio desse trabalho, nosso objetivo é criar alianças com educadores, ativistas e outros que desenvolvam a agência de comunidades marginalizadas para moldar a direção dos futuros sociodigitais na educação.

E, finalmente, sabemos que o domínio da organização (*organizing*) sempre foi moldado pela tecnologia. Independentemente de considerarmos a cerâmica ou as armas, os medicamentos ou o transporte, ou os novos produtos e serviços, a forma como os seres humanos se organizam é sempre uma história do entrelaçamento de corpos humanos e materiais/recursos/artefatos não humanos. Em uma era digital, a organização agora pode ser efetivamente distribuída no tempo e no espaço, permitindo a ação à distância e a coordenação temporal. Essas formas de coleta e dispersão podem ser usadas por agentes poderosos, como estados e corporações, bem como por organizações de base, como comunidades e ativistas. Estamos explorando as maneiras pelas quais os arranjos sociodigitais estão moldando o futuro das organizações. Não presumimos que os "efeitos" da tecnologia no trabalho sejam inevitáveis, mas sim que precisamos entender melhor quais tipos de futuros estão surgindo ou se tornando prováveis a partir de novas relações que se estabelecem (Latour, 2005)¹⁰.

Escolhemos esses cinco domínios porque representam cinco grandes áreas principais da vida cotidiana, onde as tecnologias digitais e a prática social estão interligadas nas coisas que as pessoas fazem e dizem. Chegamos a cogitar um sexto, que seria o trabalho, mas na verdade, o trabalho permeia tudo isso. Há trabalho no cuidado, no consumo, na mobilidade, no aprendizado e assim por diante. E a razão pela qual os domínios são dispostos como verbos/ações em vez de setores, é pela nossa abordagem teórica, que visa prestar atenção na prática, em como as coisas são feitas. Não se trata de setores estáticos que simplesmente existem, mas sim de práticas que são infinitamente produzidas e reproduzidas em ação.

PG.: Como as tecnologias digitais como IA, realidade virtual, internet de alto desempenho e robótica são consideradas no CenSoF como “projetos de possibilidades técnicas” (*Technical Affordance Projects, TAPs*, na sigla em inglês) em suas materialidades e facilidades para futuros sociodigitais “em construção”?

S.H. & D.S.: Elegemos essas quatro áreas da tecnologia digital para a *TAPs* (*technical affordance projects*) pois são as áreas dominantes no momento. Elas podem nem sempre ser. Algumas novas podem surgir nos próximos anos. Isso é bom. Temos margem para incluir tecnologias emergentes no nosso programa de pesquisa. As quatro áreas também não são mutuamente exclusivas, estão cada vez mais integradas entre si. É realmente difícil falar de robótica sem falar de IA ou tecnologia imersiva sem falar de robótica. E começamos por colocar as mesmas questões sociodigitais para essas tecnologias.

Sabemos que a técnica não é uma esfera separada da vida social, mas está absolutamente inserida na vida social. Não apenas agora, não apenas por causa

¹⁰ Sob a leitura de Bruno Latour (2005), causa e efeito deixam de ser compreendidos como simples dicotomia entre sujeito ativo e objeto passivo, dando lugar a uma concepção relacional, ou seja, são as relações que determinam sujeitos e objetos.

das tecnologias digitais, mas ao longo da história. E que nossas experiências e como vivemos nossas vidas são sempre produzidos na intersecção entre humanos e o que alguns acadêmicos chamariam de não-humanos. Nessas misturas de pessoas e coisas, criamos o mundo em que vivemos, até aqui, uma premissa que é verdadeira há milênios. Não poderia ser diferente agora com a emergência de tecnologias digitais contemporâneas, como inteligência artificial baseada em dados e outras. Há quem diga que o contexto atual é mais inovador e profundo, no sentido de que há uma espécie de mudança de época no mundo. Achamos muito difícil pensar dessa forma. E achamos que esse tipo de argumento é provavelmente apresentado por aqueles que desejam impulsionar os desenvolvimentos dessas tecnologias, ou seja, que desejam fazer grandes reivindicações para suas próprias tecnologias.

Sob a perspectiva do CenSo F, estamos interessados no futuro. Estamos interessados no sociodigital, do qual acabamos de falar, que é o entrelaçamento da vida digital social e técnica. Sabemos que existe esse entrelaçamento. Sabemos que o social e o digital se moldam mutuamente porque estudamos isso no passado e no presente. Quando dizemos nós, queremos dizer que os cientistas sociais estudaram isso e outros estudaram isso no passado e no presente. Por exemplo, podemos apontar como a invenção da imprensa mudou vidas. Poderíamos apontar como a internet e a web mudaram vidas. Dito de outra forma, conseguimos saber disso do passado e do presente. O CenSoF está preocupado com os tipos de futuros sociodigitais que podem estar em formação e que são muito mais difíceis de serem pensados pelos cientistas sociais por todos os tipos de razões, mas principalmente porque consideramos essa interação muito complexa (ou melhor, nós diríamos intra-ação, seguindo Barad [2007]) e não passível de metodologias preditivas.

Então, o que fazemos? Dizemos, bem, não vamos pensar no futuro? Vamos apenas esperar e ver o que acontece? Ou caímos na armadilha de prever futuros que sabemos que realmente não podemos prever porque o futuro não é linear. O futuro não depende do passado e do presente. É tudo muito mais complexo do que isso. O ponto central é que embora não possamos prever o futuro, o que podemos de fato é buscar saber como os futuros são pensados, reivindicados e postos em prática no presente. E isso importa muito. Quando pensamos nas reivindicações futuras que serão feitas, isso mobilizará recursos, fará com que as pessoas gastem dinheiro, invistam dinheiro. Mobilizará políticas governamentais e todos os tipos de políticas corporativas e tudo mais. Mas também os futuros mobilizam escolhas que são feitas. O futuro é uma presença realmente ativa em todas as nossas vidas, na definição das decisões que são tomadas e na forma como as vidas são vividas. O que queremos dizer é que precisamos pensar sobre quais tipos de futuros estão sendo reivindicados por quem e como esses futuros estão sendo influenciados. Isso não determina o futuro porque o futuro não é determinado por nada nesse nível. Ou alguém em particular. Mas abre alguns futuros e torna-os mais prováveis, e fecha outros futuros e torna-os menos prováveis.

Se pensarmos, por exemplo, no metaverso... quando há dois, três anos, houve uma certa agitação em torno do metaverso, algumas pessoas da indústria de

tecnologia dizendo que em 2030 todas essas coisas aconteceriam no metaverso. E o metaverso não existe – apenas as funcionalidades técnicas existem potencialmente. E, no entanto, governos em todo o mundo, empresas em todo o mundo, todas as universidades começaram a se comportar como se o metaverso estivesse apenas esperando por nós em 2030 e nossa tarefa era investir da maneira certa, criar os cursos de graduação certos e estabelecer as políticas certas para então estarmos prontos para o metaverso. Todas essas ações são realmente performativas, elas fazem o metaverso mais provável do que menos provável. Eles não estão prevendo isso, na verdade estão fazendo isso, e é por isso que falamos sobre futuros em formação, e não sobre o futuro como algo que está acabado, fixo e esperando por nós.

PG.: Como o CenSoF se estrutura para promover as integrações interdisciplinares de forma colaborativa, contemplando aportes teóricos e metodológicos entre os pesquisadores?

S.H. & D.S.: Criamos uma área integradora que chamamos de *Threads* (fios, trilhas de pesquisa), que na verdade trata de desenvolver aptidões e capacidades para fazer pesquisas sobre futuros sociodigitais. Por meio das *Threads* estamos olhando para a teoria, os métodos, a colaboração e o design como quatro aspectos de atividade contínua nas quais temos projetos de pesquisa. É importante ressaltar que os pesquisadores que estão localizados em um dos cinco domínios de pesquisa também podem estar envolvidos nas *Threads* bem como nas *TAPs*, isso favorece que a interdisciplinaridade ocorra. Quando falamos em “colaboração”, estamos incentivando a coprodução de pesquisa, de métodos colaborativos, análise crítica de questões de poder e valor e experiência em pesquisa. Além disso, as atividades principais incluem construir uma cultura de colaboração para criar futuros sociodigitais plurais, sustentáveis e democráticos com parceiros e além, e implementar planos para colaboração sustentável a longo prazo.

Quando falamos em “design” enfatizamos elementos como inovação, experimentação e intervenção, bem como co-design e design de futuro que representam espaços criativos para a capacitação em artes, ciências sociais e engenharia. A inovação neste contexto é entendida como uma abertura das relações sociomateriais para colocar questões sobre as práticas existentes, a fim de explorar e conceber novas. Ao integrar o material e o imaterial, o *design thinking* provoca o diálogo interpretativo entre passados, presentes e a construção de realidades futuras. As atividades principais incluem mapeamento do campo do design para pesquisa sobre futuros sociodigitais, experimentações inventivas de “co-design”, usando ferramentas/aplicações físico-digitais para imaginar, materializar e convocar futuros sociodigitais sustentáveis e inclusivos.

Quando falamos em “métodos”, analisamos a capacidade “futura” dos métodos convencionais das Ciências Sociais assim como novos e emergentes dados computacionais multimidiáticos (conhecidos pela sigla NEFD – *New and Emerging*

Forms of Data) e métodos computacionais (i.e. Grandes Modelos de Linguagem – *Large Language Models*).

Idealmente, o que mais almejamos é ter uma das áreas de tecnologia trabalhando com um dos domínios de pesquisa e também uma das *Threads* (ou dois ou três), de maneira que elas realmente se unam para responder questões substantivas. Por exemplo, investigar práticas sociodigitais de cuidado doméstico através de redes de alto desempenho e tecnologias imersivas, onde podemos realmente reunir todo esse conhecimento num único projeto conjunto.

E, finalmente, quando enfatizamos as “teorias”, provocamos os pesquisadores a examinar as profundas questões ontológicas e epistemológicas levantadas pela pesquisa de futuros sociodigitais. Trata-se de uma oportunidade de examinar diversas perspectivas intelectuais que abordam explícita e implicitamente a investigação orientada para o futuro, particularmente no que diz respeito a sua dependência dos fundamentos epistemológicos anglo-europeus, e de explorar as lacunas, ausências, tensões e sinergias que surgem. As principais áreas de diálogo incluem concepções subjacentes de temporalidade, poder, ética, cultura, responsabilidade e desigualdades.

P.G.: Como vocês avaliam o primeiro ano de atividades completado em 2023 considerando as estruturações em torno das três entradas (domínios, TAPs e Threads)?

S.H. & D.S.: Podemos dizer que tivemos uma primeira fase em que trabalhamos a partir de questionar quais futuros são reivindicados por quem e como. E, a partir disso, detalhamos em subquestões como, por exemplo, “quais são os futuros do cuidado?”, “qual o futuro da IA?”, e “quais métodos são usados para reivindicar o futuro da IA e do cuidado?”. Seguimos trabalhando nisso, mas em uma segunda fase agora, estamos analisando como esses futuros atuam e como eles atuam em vários locais diferentes, em diversas escalas. Poderíamos questionar se queremos usar mesmo a palavra “escala” e quais tipos de infraestruturas apoiam ou impulsionam algumas dessas mudanças.

Nós também queremos investigar quais capacidades e aptidões necessitamos para impulsionar ou orientar futuros sociodigitais para modos de vida mais justos e sustentáveis. Esta não é apenas uma pergunta, não é apenas uma questão de fazer pesquisa. É de fato o fim da história, nosso objetivo maior. O que queremos fazer é capacitar nossos pesquisadores e parceiros para pensar sobre o futuro sociodigital. Porque o nosso ponto de partida é que existe uma carência de competência, e por isso estamos tentando (co)criá-los. A nosso ver, as coisas estão começando a se encaixar. No total, temos 48 investigadores acadêmicos atuando no CenSoF, de pelo menos oito disciplinas diferentes, bem como co-investigadores do nosso grupo muito diversificado de parceiros estratégicos. Nosso objetivo é aproveitar essa maravilhosa combinação de conhecimentos para criar novas formas de investigar, conhecer e criar futuros sociodigitais.

Dito de outra forma, estamos levando as tecnologias digitais para a investigação interdisciplinar crítica, exploramos as complexidades e contingências do emaranhado humano-tecnologia e pretendemos reescrever as configurações sociodigitais através de intervenção e experimentação. Investigar criticamente a construção social e as possibilidades técnicas de cada campo, como são representados, por quem, para quais tipos de futuros sociodigitais, vinculado às descobertas relacionadas aos cinco domínios da prática sociodigital. Queremos responder aos recentes apelos à ação diante das complexidades e contingências do emaranhado humano-tecnologia. Cada projeto conduzido no CenSoF vai desenvolver um conjunto de intervenções e experimentações sociodigitais (co)criadas com base nas descobertas iniciais dos domínios, relacionadas com as TAPs e sustentadas pelas percepções (insights) e experiências das Threads. Através de um enfoque na “redefinição” de recursos técnicos e em configurações sociodigitais mais amplas para permitir futuros justos e sustentáveis, os projetos estão a desenvolver conteúdos de demonstração para divulgação e impacto em um momento de apresentação no quinto ano do CenSoF.

PG.: Um dos aspectos mais interessantes do período em que estive no CenSoF como pesquisadora visitante foram as leituras e reflexões em grupo sobre temporalidades e também sobre as teorias e conceitos da abordagem do sociodigital. Poderiam abordar um pouco a importância dessa estratégia de integração teórica e metodológica?

S.H. & D.S.: Mais uma vez citando nosso artigo, referenciamos um trabalho da pesquisadora Barbara Adam (2004) no qual ela ressalta que futuros não podem ser reduzidos a uma lógica temporal linear na qual o passado molda o presente e o presente, por sua vez, projeta os futuros. Essa é ainda uma abordagem dominante, especialmente na Economia e Ciência de Dados, que projeta o futuro a partir de atos (e dados) do passado para fazer previsões/antecipações com base no que se espera no presente. Partamos do princípio de que não existe “futuro” no singular para o qual precisaríamos estar a postos, mas sim futuros potenciais de múltiplas naturezas. Não há como se envolver com pesquisa sobre futuros sociodigitais sem considerar as temporalidades, uma vez que estamos diante de processos temporais em construção que não obedecem à lógica linear. Ao contrário, existe uma multiplicidade e variedade de reivindicações que podem mudar ao longo do tempo, a incerteza é um elemento crucial. Claro que algumas políticas e decisões cotidianas acabam tornando alguns futuros mais prováveis (como o aumento das emissões de dióxido de carbono desde o século 18 e os impactos ambientais decorrentes disso) e outros menos.

Como argumentam Sriprakash et al. (2020), as narrativas lineares de um passado fixo, que podem ser trabalhadas no presente em direção a um futuro planejado, só conseguirão incorporar perspectivas limitadas baseadas em privilégios históricos, sendo que a própria “cronopolítica” dessa abordagem desconsidera os passados marginalizados e alternativos que poderiam fornecer a base para futuros reparadores. Em suma, nossa tarefa no CenSoF é identificar e ir além desses

determinismos e explorar onde a análise sociológica pode aportar desafios construtivos às rotinas de criação de futuro, interrompendo narrativas dominantes e colaborando na (co)criação de novas formas de pensar e fazer o futuro. Como argumenta Haraway (2016, p. 3) com futuros sustentáveis em mente, as circunstâncias nos convidam a ir além da "fé cômica em soluções tecnológicas" e do fatalismo da crítica, em que "é tarde demais e não faz sentido tentar melhorar alguma coisa", para nos concentrarmos na "tarefa mais séria e animada" de criar o futuro.

Mais do que seguir uma teoria, o que consideramos um limitador de nossa curiosidade, consideramos que existem teorias cognatas que falam entre si de formas muito interessantes e por isso estamos trazendo para as reflexões com os pesquisadores do CenSoF. Dentre elas, a teoria ator-rede, algumas das abordagens materialistas feministas e sociotécnicas, como Karen Barad, Anne-Marie Moll, Donna Haraway, bem como um conjunto mais amplo de práticas sociais que consideram como a vida cotidiana é organizada, vivenciada e realizada em diversos grupos sociais. Como observa Joseph Rouse (2007), essas teorias geralmente não são conhecidas por estarem juntas no mesmo espaço, mas sim por enfatizarem uma perspectiva performativa sobre como as coisas são feitas de uma forma ou de outra, com atenção ao tipo de processo contínuo de prática e mudança através do qual o mundo é feito e refeito. Consideramos muito produtivo reunir essas teorias e ver o que fazem e o que não fazem uma pela outra. Todas elas assumem uma posição ontológica que nega uma agência separada para humanos e não humanos ou humanos e máquinas ou dados ou infraestruturas. Em vez disso, insistem na recursividade, ou seja, são feitas umas através das outras.

P.G.: De que forma o CenSoF atua com as diversas parcerias estabelecidas, seja no âmbito acadêmico junto a universidades, mas também junto a instituições não acadêmicas, considerando autonomias, hierarquias e relações de poder envolvidas?

S.H. & D.S.: Sim, temos o compromisso com o impacto e o envolvimento com nossos seis parceiros estratégicos. Desde o início, quando começamos a conceber o CenSoF, tínhamos parceiros estratégicos formados por grandes empresas, organizações governamentais e comunitárias, ou seja, diferentes tipos de organizações que estão lidando com exatamente as mesmas questões que estamos pesquisando: Como você desenvolve conhecimento, compreendendo as possibilidades de futuros sociodigitais? Por exemplo, nos negócios, estamos trabalhando com uma empresa de rede muito grande, que dirá: entendemos de tecnologia, fazemos tecnologia, esse é o nosso negócio, mas não sabemos como pensar sobre processos sociais, práticas sociais, relações sociais, mudanças que moldam e são moldadas por essas tecnologias.

O mesmo acontece com os departamentos governamentais. Portanto, há uma demanda real por parte de diferentes tipos de organizações, cada uma à sua maneira, para aprimorar a forma de pensar sobre o sociodigital e,

consequentemente, sobre o futuro. Dois temas são centrais e permeiam tudo que fazemos: desigualdades sociais e alterações climáticas ou sustentabilidade ambiental. Quando trabalhamos com os nossos parceiros empresariais ou com o governo ou com organizações comunitárias, com todos eles, perguntamos sobre quem está incluído, quem está excluído, em quais termos as pessoas são incluídas? O que isso significa para os processos de desigualdade social? O que isso pode significar para a justiça social? E todos eles agem de maneiras diferentes, mas estão todos comprometidos e interessados nos temas centrais que permeiam o CenSoF. Essas parcerias externas são importantes pois ampliam o escopo da academia, trazendo atores diversos para o diálogo, que também estão envolvidos com práticas de criação de futuros que poderão gerar consequências em toda a sociedade. As parcerias também incluem organizações comunitárias, que comumente estão marginalizadas ou ausentes nos debates, mas que devem ser incluídas se quisermos ter alguma esperança de desafiar as atuais relações de poder e desigualdades nas práticas atuais de criação de futuros.

Um aspecto importante a dizer é que não oferecemos nossos serviços como consultores. Não estamos dizendo: o que você gostaria de saber? Não é assim que funciona. Não estamos respondendo a uma demanda nesse sentido. Em vez disso, identificamos organizações que partilham as nossas preocupações e os nossos interesses e juntos co-desenvolvemos investigação sobre um determinado panorama. Esses parceiros estavam conosco desde a redação da proposta de financiamento. Eles contribuíram para a proposta de financiamento, portanto, suas preocupações e interesses estão incorporados na estrutura do Centro. E depois, quando estamos desenvolvendo projetos específicos, sabemos quais diferentes parceiros que estão interessados e continuamos os diálogos para identificar preocupações partilhadas e emergentes em toda a nossa rede de parceiros. Às vezes, eles vêm até nós e dizem: ah, precisamos desenvolver alguma coisa. Você estaria interessado? Você tem capacidade? E se avaliarmos que a demanda está no cerne dos objetivos do Centro, se tivermos pessoas que realmente querem assumir isso, então aceitaremos. Em outras palavras, nossas colaborações de pesquisas não são predefinidas. É bastante iterativo e evolui com o tempo. Mas não se trata de uma simples oferta ou procura e nós não temos (e provavelmente nunca teremos) um produto acabado para entregar a eles. E eles não têm uma pergunta finalizada para nos trazer. Trabalhamos juntos para definir o que podemos fazer juntos que seja mutuamente benéfico para ambos os lados.

Estamos vendo uma grande mudança, uma mudança real no reconhecimento de que essas questões difíceis sobre o que as pessoas poderiam muitas vezes afirmar sobre futuros digitais são, na verdade, questões sociodigitais e todas essas organizações de nossa rede, apesar das características diferentes, estão reconhecendo isso. Por exemplo, a lacuna na capacidade sociodigital em oposição à capacidade digital. As diferentes organizações têm conhecimentos distintos que trazem para questões de futuros sociodigitais, assim como temos conhecimentos diferentes nas ciências sociais, engenharia e disciplinas de artes e humanidades. O CenSoF quer reunir todas essas formas de conhecimento para ver como podemos aprender uns com os outros e construir projetos colaborativos que aproveitem os diferentes tipos de conhecimento para serem mais do que a soma

das partes. Esse é o nosso pensamento favorito, mas sabemos que nos coloca em todos os tipos de problemas. Estamos tentando transcender os limites tradicionais da produção de conhecimento e da experiência acadêmica, tentando juntá-los de uma forma que seja adequada às perguntas que estamos fazendo, porque as questões sobre futuros sociodigitais não serão, certamente, respondidas pelos sociólogos isoladamente. Da mesma forma, essas questões não podem ser respondidas por engenheiros sozinhos, nem por grandes empresas, nem pelo governo, nem por organizações comunitárias. Na verdade, é preciso reunir todas essas diferentes formas de conhecimento. Mas não somos ingênuos nisso, estamos cientes de que existem relações de poder envolvidas. Existem desigualdades envolvidas. Existem estruturas e hierarquias. Portanto, este não é um esforço ingênuo, mas é um esforço consciente de que temos de tentar fazer isso e ver se conseguimos fazê-lo funcionar.

PG.: Organizar um novo centro de investigação interdisciplinar envolve fomentar uma rede de pesquisadores e profissionais de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes formações: como o CenSoF tem tratado a questão da diversidade regional, tendo em conta o persistente centralismo europeu e norte-americano na investigação acadêmica?

S.H. & D.S.: Isso é de fato um desafio. De uma perspectiva teórica e de uma perspectiva de compromisso, político e teórico, consideramos este um desafio global que precisa ser compreendido a partir de diferentes pontos de entrada e através de diferentes vozes, experiências e histórias. Isso significa ir além da Europa e da América do Norte. E, ao mesmo tempo, existem limites reais em termos de financiamento e de integração como gostaríamos. A forma como lidamos com isso, e esperamos que melhore com o tempo, é através da recepção de pesquisadores visitantes, incentivando visitantes de todo o mundo a virem passar algum tempo conosco. Temos um programa de bolsas para visitantes que está aberto a pesquisadores de qualquer lugar do mundo que desejarem se inscrever. Nossa expectativa é que esses visitantes retornem parte do trabalho que temos feito e nos permitam, através desse trabalho, chegar a públicos mais vastos. Gostaríamos realmente de pensar em iniciativas conjuntas de investigação, iniciativas conjuntas de publicação, com base nisso. Honestamente, estamos cientes das fraquezas do CenSoF nesse aspecto, mas ao mesmo tempo, sabemos que era inevitável, dado o esquema de financiamento que obtivemos. No entanto, estamos sempre procurando maneiras de desenvolver o que podemos fazer e ampliar o que estamos fazendo. O trabalho com a UNESCO, como um dos nossos parceiros estratégicos, de alguma forma, representa todos os estados-membros da ONU, o que consideramos um começo. E essa parceria está extremamente bem conectada através de seu trabalho sobre futuros da educação em outras partes do mundo com as quais não estamos bem conectados.

P.G.: Quais serão os principais desafios do CenSoF nos próximos anos?

S.H. & D.S.: Pensamos que o maior desafio, agora que estamos em funcionamento, é concretizar a interdisciplinaridade almejada e trabalhar com parceiros. É muito fácil falar sobre interdisciplinaridade, mas pode ser muito difícil implementar a interdisciplinaridade. Observando as pessoas no CenSoF nesse primeiro ano de existência, consideramos extraordinário ver a capacidade de envolvimento, o compromisso coletivo. Um compromisso de sair da zona de conforto e de se tornar vulnerável para entrar em discussões e eventos onde não sabem muito do que se está sendo falado. Várias pessoas vêm nos dizer em algum momento: “esse Centro é realmente assustador porque eu de fato me sinto fora da minha zona de conforto”. E respondemos que todos nos sentimos assim e que é isso que “queremos sentir”, porque a investigação exige mesmo sair da nossa zona de conforto. Os engenheiros sentem isso quando falamos sobre materialismo feminista, e os sociólogos sentem isso quando falamos sobre fatiamento de redes ou o que quer que seja. Mas acreditamos que se não desenvolvermos esta capacidade em todas as disciplinas, não teremos esperança de abordar as questões sobre os futuros sociodigitais, ou, mais importante, de ter qualquer oportunidade de moldar e intervir nesses processos de criação de futuro. Por isso a interdisciplinaridade é o desafio mais difícil. Manter todas as organizações parceiras conosco é um desafio tamanho também. Na verdade, não temos muito a dizer sobre isso, porque consideramos que eles já estão conosco, mas sabemos das exigências competitivas e que permanecer conosco é uma questão de colaborações de investigação construtivas e contínuas. A segunda parte mais difícil é quando o financiamento acabar em 2027 e precisaremos de financiamento durante, pelo menos, mais cinco anos, se quisermos que a nossa ambiciosa agenda de investigação se concretize em seu potencial.


Referências

- Adam, B. (2004). *Towards a new sociology of the future*.
<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=aaba25a423dcca74d5a680b695f2ddb2452e5fe9>
- Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Duke University Press.
- Gibson, J. J. (1977). The Theory of Affordances. In R. Shaw, & J. Bransford (Eds.). *Perceiving, Acting, and Knowing. Toward an Ecological Psychology* (67-82). Lawrence Erlbaum Associates.
- Halford, S., & Southerton, D. (2023). What Future for the Sociology of Futures? Visions, Concepts and Methods. *Sociology*, 57(2), 263-278. <https://doi.org/10.1177/00380385231157586>
- Haraway D. (2016). *Staying with the Trouble*. Duke University Press.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford University Press.
- Noble, S., & Roberts, S. (2019). Technological Elites, the Meritocracy, and Postracial Myths in Silicon Valley. In R. Mukherjee, S. Banet-Weiser, & H. Gray (Eds.). *Racims Postrace* (Report #: 6).
<https://escholarship.org/uc/item/7z3629nh>
- Rouse, J. (2007). Practice theory. In S. Turner, & M. Risjord (eds.). *Handbook of the Philosophy of Science* (vol.15: Philosophy of Anthropology and Sociology). Elsevier.
- Schatzki, T. R. (1996). *Social Practices: a Wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge University Press.
- Sriprakash, A., Nally, D., Myers, K., & Pinto, P. R. (2020). *Learning with the Past: Racism, Education and Reparative Futures*. UNESCO.
<https://doi.org/10.17863/CAM.57781>

Sobre os autores

Priscila Gonsales

Universidade de Campinas, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2067-0111>

Mestre em Inteligência Artificial e Impactos Éticos na Educação pela PUC-SP (2022). Doutoranda em Linguagens e Tecnologias no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas, *visiting fellow* do Centro de Pesquisa em Futuros Sociodigitais da Universidade de Bristol. Consultora UNESCO em educação aberta, professora de cursos de extensão e pós-graduação. E-mail: prigon@educadigital.org.br

Susan Halford

University of Bristol, Bristol, Inglaterra

 <https://orcid.org/0000-0001-5102-1790>

Doutora em Urbanismo e Estudos Regionais pela Universidade de Sussex/Reino Unido (1991). Professora de Sociologia da Universidade de Bristol/Reino Unido e, desde 2022, é co-diretora do Centro de Pesquisa em Futuros Sociodigitais (apoiado pelo Economic and Social Research Council – ESRC). Foi diretora do

Instituto de Web Science na Universidade de Southampton. Em 2019, co-fundou e co-dirigiu o Instituto de Futuros Digitais da Universidade de Bristol. E-mail: susan.halford@bristol.ac.uk

Dale Southerton

University of Bristol, Bristol, Inglaterra

 <https://orcid.org/0000-0002-1561-5521>

Doutor em Sociologia pela Universidade de Lancaster/Reino Unido (1999). Professor de Sociologia do Consumo na Escola de Negócios da Universidade de Bristol/Reino e, desde 2022, é co-diretor do Centro de Pesquisa em Sociodigital Futures na Universidade de Bristol (apoiado pelo Economic and Social Research Council – ESRC). Foi diretor do Instituto de Consumo Sustentável e do Grupo de Pesquisa em Práticas Sustentáveis na Universidade de Manchester. E-mail: dale.southerton@bristol.ac.uk

Contribuição na elaboração do texto: Autora 1 – Metodologia, Supervisão, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição. Autora 2 – Escrita – revisão e edição. Autor 3 – Escrita – revisão e edição.

Linhas Críticas | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>

Referência completa (APA): Gonsales, P., Halford, S., & Southerton, D. (2024). Pesquisa em futuros sociodigitais: reivindicações e affordances em evidência. *Linhas Críticas*, 30, e54168.
<https://doi.org/10.26512/lc30202454168>

Referência completa (ABNT): GONSALES, P., HALFORD, S., SOUTHERTON, D. Pesquisa em futuros sociodigitais: reivindicações e affordances em evidência. *Linhas Críticas*, 30, e54168, 2024.
<https://doi.org/10.26512/lc30202454168>

Link alternativo: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/54168>

Todas as informações e opiniões deste manuscrito são de responsabilidade exclusiva do(s) seu(s) autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista Linhas Críticas, de seus editores, ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista Linhas Críticas, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0):
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

